

Verba Volant

Editorial

Das irmãs Bronte à Vaca Profana: a Literatura é para todos!

Diz o velho provérbio latino que as palavras faladas voam, enquanto as escritas permanecem. *Verba volant, scripta manent*. Foi dessa sabedoria antiga que nossa revista tomou emprestado o nome, mas com uma intenção deliberadamente provocadora: guardar no título apenas a primeira metade da frase. A palavra que voa é a palavra viva, aquela que circula, que inquieta, que atravessa salas de aula, conversas e gerações. Nossa tarefa, a cada edição, é dar a essa palavra em voo um lugar onde pousar sem perder as asas.

É com esse espírito que apresentamos ao leitor a edição de 2025 da **VERBA VOLANT**. Mais um ano se passou, e com ele a convicção de que a leitura atenta, o estudo cuidadoso e a escrita reflexiva continuam sendo gestos de resistência num tempo marcado pela pressa, pela fragmentação e pelo excesso de informação. Em meio a telas que se renovam a cada segundo, uma revista que convida à pausa e à interpretação assume, quase sem querer, um papel político e pedagógico.

A literatura, afinal, não é um luxo reservado a poucos. É uma forma de conhecimento do mundo e de nós mesmos. Quando nos debruçamos sobre um romance escrito há quase dois séculos ou sobre uma canção que marcou a música popular brasileira, não estamos apenas analisando textos: estamos aprendendo a ler a história, os afetos, os conflitos e as contradições humanas que esses textos guardam e, ao mesmo tempo, revelam.

A presente edição é prova disso. Reunimos aqui trabalhos que, embora separados por oceanos, línguas e épocas, dialogam de maneira surpreendente. De um lado, a Inglaterra vitoriana e a obra singular das irmãs Brontë. De outro, o Brasil dos anos 1980 e a ousadia poética de Caetano Veloso em *Vaca Profana*. O que une esses universos tão distintos é justamente o que move esta revista: a força da palavra quando ela se recusa a obedecer ao que dela se espera.

Ocupa lugar de destaque nesta edição um conjunto de estudos dedicados às irmãs Brontë, Charlotte, Emily e Anne, figuras incontornáveis da literatura inglesa do século XIX. Criadas no presbitério de Haworth, um vilarejo isolado nas charnecas de

Yorkshire, as três irmãs cresceram cercadas de livros, de silêncio e de uma imaginação prodigiosa. Ainda crianças, inventavam reinos inteiros, como Angria e Gondal, em pequenos cadernos que hoje são lidos como o laboratório secreto de suas futuras obras.

O ano de 1847 é quase mítico para a história do romance inglês. Nele vieram à público *Jane Eyre*, de Charlotte, *O Morro dos Ventos Uivantes*, de Emily, e *Agnes Grey*, de Anne. Os três livros foram publicados sob os pseudônimos masculinos de Currer, Ellis e Acton Bell. O disfarce não era capricho: numa sociedade que reservava às mulheres o espaço doméstico e desconfiava de sua capacidade intelectual, assinar com nome próprio significava expor a obra a um julgamento enviesado antes mesmo da leitura.

Os artigos aqui reunidos exploram, por diferentes caminhos, a riqueza desse legado. Há leituras que se detêm na construção de Jane Eyre como uma das primeiras grandes protagonistas a reivindicar, em primeira pessoa, o direito à dignidade, à autonomia e ao amor em condições de igualdade. Há análises que mergulham na atmosfera tempestuosa de *O Morro dos Ventos Uivantes*, romance que desafiou as convenções morais e narrativas de seu tempo ao apresentar uma paixão que não se deixa domesticar, em que a natureza selvagem das charnecas espelha a interioridade feroz das personagens.

Merece atenção especial o resgate de Anne Brontë, por muito tempo considerada a "irmã menor". Seus romances, sobretudo *A Inquilina de Wildfell Hall*, de 1848, revelam uma escritora de coragem rara, capaz de denunciar o alcoolismo, a violência doméstica e a submissão legal da mulher casada com uma franqueza que escandalizou seus contemporâneos. Rer Anne é reconhecer que a crítica social das Brontë não estava apenas nas entrelinhas, mas no centro de seus projetos literários. O que esses estudos demonstram, em conjunto, é que as irmãs Brontë não pertencem apenas ao passado. Suas personagens continuam a interrogar nossos leitores sobre gênero, liberdade, desejo e pertencimento. Ler as Brontë em 2025, numa escola pública brasileira, é também afirmar que os clássicos são patrimônio de todos e que a distância geográfica e temporal se dissolve quando um texto toca questões humanas essenciais.

Se as Brontë nos levam às charnecas inglesas, a segunda grande contribuição desta edição nos traz de volta ao Brasil, à música popular e a um de seus poetas

mais inventivos. Trata-se de uma instigante análise de *Vaca Profana*, poema-canção de Caetano Veloso que ganhou a voz de Gal Costa no disco *Profana*, de 1984. Poucas composições da MPB condensam com tanta densidade as tensões entre o sagrado e o profano, o corpo e o espírito, o desejo e a interdição.

O estudo parte de uma imagem desconcertante. A vaca, animal sagrado em tradições do Oriente e símbolo de fertilidade e nutrição, é também, na língua cotidiana brasileira, um insulto dirigido às mulheres que ousam viver o próprio desejo. Caetano se apropria dessa ambiguidade e a transforma em matéria poética. O que era ofensa torna-se celebração; o que era profano ganha estatura quase litúrgica. A figura feminina que emerge do poema é ao mesmo tempo mãe e amante, nutriz e transgressora, e recusa a lógica que separa a mulher "santa" da mulher "perdida".

A análise publicada nesta edição lê o poema à luz da herança tropicalista. Embora composto mais de uma década depois do auge do movimento, *Vaca Profana* conserva seus procedimentos fundamentais: a colagem de referências eruditas e populares, a antropofagia cultural que devora o estrangeiro para recriá-lo, a ironia que desestabiliza certezas e a recusa de qualquer moralismo, seja ele conservador ou militante. A riqueza das imagens, das alusões religiosas e dos jogos sonoros faz do texto um campo fértil para a leitura literária, demonstrando que a canção popular brasileira pode e deve ser estudada com o mesmo rigor dedicado à poesia escrita.

Há também uma dimensão histórica que o estudo não deixa escapar. Em 1984, o país vivia os últimos anos da ditadura militar e o clamor pelas Diretas Já. Cantar a liberdade do corpo e do desejo, naquele contexto, era também cantar a liberdade em sentido amplo. A profanação proposta por Caetano não é gratuita: é um gesto de abertura, um convite a repensar valores herdados e a enxergar o sagrado justamente onde a tradição insistia em ver o pecado.

Não poderíamos encerrar sem agradecer aos autores e autoras que confiaram seus trabalhos a esta revista, aos professores que orientaram e incentivaram a pesquisa e a todos que, com dedicação silenciosa, tornaram possível mais esta edição. Cada artigo aqui publicado é fruto de horas de leitura, de dúvidas, de reescritas e de descobertas. É esse trabalho, muitas vezes invisível, que dá sentido ao nosso projeto.

Ao leitor, fazemos um convite simples: leia devagar. Deixe que as charnecas de Yorkshire e as imagens ousadas de Caetano conversem em sua memória. Discorde, questione, anote nas margens. Que as palavras desta edição voem para além destas páginas e encontrem, em cada leitor, um novo lugar para pousar.

Boa leitura!

O Conselho Editorial